
MULHERES, RAÇA E CLASSE

Uma análise interseccional de “Estrelas Além do Tempo”¹

Jennifer FERREIRA²

Maria de Fátima Costa de OLIVEIRA³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo analisa, através de uma perspectiva interseccional que levará em consideração fatores como gênero, raça e classe, como o filme **Estrelas Além do Tempo**, do diretor Theodore Melfi lançado em fevereiro de 2017, representa minorias norte-americanas da década de 60 e quais suas contribuições para a luta pela igualdade atual. O trabalho tem como base os textos de autoras feministas e negras como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e Bell Hooks. E sugere que para seguir avançando nos direitos civis, é necessário que os cidadãos sejam representados por pessoas que entendem o que eles passam e não reduzam problemas estruturais, sociais e econômicos a meras lamentações.

PALAVRAS-CHAVE

Feminismo negro; Interseccionalidade; Hidden Figures; Classe social; Gênero.

Apresentação

“Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não existe hierarquia de opressão.” (LORDE, Audre)

Não há como pensar em feminismo sem pensar na especificidade de cada mulher. A fala da poetisa, ensaísta e feminista interseccional Audre Lorde denuncia o que podemos ver no cotidiano, mas nem sempre é tão fácil de se notar: a opressão vem de diversos lados, e uma não é mais dolorosa que a outra, e não deve ser tratada como tal. É nesse sentido que o conceito de interseccionalidade se mostra necessário, pois põe em discussão a luta aos demais tipos de opressões sofridas além do gênero, como raça e classe.

O filme “**Estrelas Além do Tempo**”, baseado no livro Hidden Figures (Figuras Ocultadas), é ambientado na década de 60 nos Estados Unidos e retrata a história de três mulheres negras, que atuam num centro específico de matemática, da NASA. Vale

¹ Trabalho apresentado no GT IJ08 Estudos Interdisciplinares do Intercom Junior do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017 em Volta Redonda, RJ.

² Estudante de Graduação do 11º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRRJ, email: jennifercomunicacao@gmail.com

³ Doutora em Memória Social, professora do curso de Jornalismo da UFRRJ, email: fafatecosta@hotmail.com

destacar que é um dos filmes mais importantes da atualidade, principalmente porque Hollywood nos devia um longa-metragem sério e encorajador protagonizado por mulheres negras. Com atuações excepcionais, reconhecidas pela crítica especializada, indicação ao Oscar de Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e de Melhor Atriz Coadjuvante a Octavia Spencer, o longa nos faz refletir sobre a representação de minorias no cinema, bem como novos passos que devem ser dados diante da luta por igualdade travada pelas mulheres do feminismo negro.

O presente artigo pretende realizar uma breve análise do longa a partir do conceito de interseccionalidade. Angela Davis, filósofa, feminista e ativista, militou incansavelmente pelo direito dos negros, pobres e das mulheres, chegando ao elo mais fraco: a mulher negra e pobre. Em “Mulheres, Raça e Classe” (1981)⁴, Davis denuncia, entre outras coisas, o racismo no feminismo e faz uma análise anti-capitalista, antirracista e anti-sexista. Sua obra será parte da base teórica dessa análise, assim como Kimberlé Crenshaw, responsável pelo desenvolvimento do conceito de interseção das desigualdades de raça e gênero, que data 1989.

Racismo e elitismo no Movimento Feminista

O caminho teórico percorrido nesta análise começa com nossos estudos sobre a luta das mulheres negras de antes e de hoje, o que nos leva ao entendimento de que é compreendendo o conceito de interseccionalidade que avançamos em discussões efetivas sobre direitos humanos para todos.

A Declaração de Seneca Falls, também conhecida como Declaração de Sentimentos, escrita e apresentada na Convenção de Mulheres de Seneca Falls em 1848, é tida como marco do início do movimento feminista norte-americano. É inegável sua importância em questionar o papel da mulher na sociedade e principalmente dentro do matrimônio, relação que a tornava econômica e moralmente dependente de seu marido (DAVIS, 1981). Porém, é importante frisar: restringe a luta pelos direitos das mulheres a uma classe e uma cor específica.

“Tratava-se do resultado teórico de anos de contestações inseguras e muitas vezes silenciosas, voltadas a uma condição política, social, doméstica e religiosa que era contraditória, frustrante e declaradamente opressiva para as mulheres da burguesia e das classes médias emergentes. Entretanto, enquanto consumação exata da consciência do

⁴ Lançado no Brasil em 2016 pela Editora Boitempo.

dilema das mulheres brancas de classe média, a declaração ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras, tanto do sul quanto do norte. Em outras palavras, a declaração de Seneca Falls propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento.” (DAVIS, 1981, p.64)

Enquanto mulheres brancas de classe média escreviam uma declaração reivindicando pelo direito de trabalhar e ter suas próprias carreiras, para não mais serem dependentes de seus maridos, mulheres negras ainda eram escravizadas ou trabalhavam para sobreviver, assim como as brancas pobres que faziam jornadas de até 16 horas diárias nas fábricas de tecido.

E o tempo não fez as feministas brancas e de classe média pensarem sobre as dificuldades que as outras mulheres não-brancas e pobres passam. Pelo contrário, as práticas excludentes tornaram praticamente impossível o surgimento de novas e variadas teorias em busca dos direitos das mulheres. (Hooks, 2000). Como Djamila Ribeiro aponta, “o silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos” (RIBEIRO, 2016). É aí que se fazem necessárias correntes como o feminismo negro e interseccional, que não fazem das reivindicações de mulheres não-brancas e pobres uma querela.

Feminismo Negro como um grito das excluídas

Não é raro mulheres não se identificarem com o movimento feminista, principalmente negras e periféricas. Talvez isso se deva à desinformação sobre o movimento, aos estereótipos que circulam no imaginário social sobre o movimento, quer seja através dos meios de comunicação de massa, quer seja pelos ditos populares que apregoam a fama de que feministas são “mal amadas” e por isso são “revoltadas”. Mas a falta de identificação das mulheres negras com o feminismo também acontece pelo fato de que muitas não se veem representadas nas pautas do movimento. Não será intempestivo dizer que até os dias atuais, as mulheres negras constituem o elo mais fraco de nossa sociedade. São as mais pobres, aquelas com menor acesso à saúde, educação e saneamento básico. A taxa de homicídios de mulheres negras também é maior do que de mulheres brancas.

Os números mostram efetivamente a interseção de opressões passadas pelas mulheres negras, é importante dizer que dentro do próprio movimento feminista, essas mulheres

eram silenciadas. Bell Hooks (2000), autora estadunidense, feminista e ativista social, comentou sua experiência em grupos feministas em seu livro “*Feminist Theory: from margin to center*”.⁵

“Elas não nos viam como iguais, não nos tratavam como iguais. E, embora esperassem que fornecêssemos relatos em primeira mão da experiência negra, achavam que era papel delas decidir se essas experiências eram autênticas. Frequentemente, mulheres negras com formação universitária (mesmo aquelas de famílias pobres e de classe trabalhadora) eram desconsideradas como meras imitadoras.” (HOOKS, 2000, p. 204)

Os muitos estereótipos construídos socialmente sobre negros também são reproduzidos pela militância. Muitas vezes, as mulheres feministas acabam considerando-se aptas para ensinar sobre opressão e esquecem que a realidade vivida pela mulher negra é, por si só, de resistência e de lutas, pois ela carrega em seus ombros a sua história e a garra do seu povo (CARNEIRO, 2003).

“E não sou uma mulher?”

Não podemos deixar de falar de história do povo negro, sobre a mulher negra, sem falar de Sojourner Truth, nascida na condição de escrava, em 1797, em Nova Iorque. Após a abolição da escravatura nesse Estado, a mesma foi empregada doméstica, e depois ficou conhecida por suas palestras; inicialmente religiosas e, posteriormente, sobre o que passou enquanto escrava. Em 1851, Truth era a única mulher negra na convenção de mulheres em Akron, Ohio. E foi ela quem teve coragem de falar aos homens que participavam e zombavam das mulheres ali presentes.

“Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Arei a terra, plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando conseguia alguma comida – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari treze filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu. E não sou uma mulher?” (RIBEIRO, 2016)

⁵ Em português “Feminismo: da margem ao centro”.

Seu discurso “E não sou uma mulher?”, pelo qual ficou conhecida, atingiu não apenas aos homens presentes que tentavam silenciar as mulheres, como às brancas de classe privilegiada, que não pautavam as dificuldades das negras, pobres e até na condição de escravas. (DAVIS, 1981) Pela primeira vez uma mulher negra falou a homens e mulheres que não existe um tipo de mulher universal e, sim, várias mulheres, cada uma com seu jeito, seus problemas e suas pautas.

“Quando essa mulher negra [Sojourner Truth] se levantou para falar, sua resposta aos defensores da supremacia masculina também trazia uma profunda lição para as mulheres brancas. (...) Nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Sojourner Truth era negra – uma ex-escrava –, mas não era menos melhor do que uma de suas irmãs brancas na convenção. O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que a das mulheres brancas de classe média.” (DAVIS, 1981, p. 73)

O conceito de Interseccionalidade

E se o movimento feminista faz das reivindicações das mulheres negras uma ‘querela’, a unidade negra foi construída em cima do silêncio das mulheres (DAVIS, 1981). Toda mulher negra já esteve em um lugar que se sentia bem com sua cor de pele e cabelo, mas acabou sendo oprimida por seu gênero. Desde que esteve em um ambiente hostil para negros e mulheres⁶, Kimberlé Crenshaw se dedicou a entender como a mesma pessoa pode sofrer diversos tipos de opressão. Ela é a responsável pelo desenvolvimento teórico do conceito de interseção das desigualdades de raça e gênero, que data 1989. Para Crenshaw, apenas entendendo a importância de considerarmos as interseções, vamos efetivamente ter políticas e práticas inclusivas.

Quando as leis não preveem que as vítimas da discriminação racial podem ser mulheres e que as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres negras, elas acabam não surtindo efeito desejado e as mulheres ficam desprotegidas. (CRENSHAW, 2004, p. 000)

⁶ Kimberlé e um amigo foram impedidos de entrar pela porta da frente numa famosa agremiação de Harvard, que até pouco antes do ocorrido não aceitava negros. O amigo de Kimberlé retrucou dizendo que se não podiam entrar pela porta da frente, não entrariam. “Não vamos aceitar qualquer discriminação racial.” Diante disso, foram esclarecidos que o problema não era a cor deles. A entrada de mulheres era apenas pelos fundos. (Crenshaw, 2004)

Outro ponto imprescindível quando falamos de raça é falar de classe. Não tem como falar de população negra sem problematizarmos classe e a desigualdade social alimentada pelo racismo e a supremacia branca. É a classe que molda nosso comportamento, como agimos, como devemos nos comportar, o que é “para nós” e o que não é. É o lugar em que moramos que vai definir o que valorizamos ou não. São esses padrões de comportamento que devem ser compreendidos, reconhecidos, questionados e alterados. (BROWN, 1974, *apud* HOOKS, 2000, p. 196)

No Brasil, as estatísticas apontam que 74% das mulheres negras do país são pobres.⁷ E mulheres pobres têm pouca oportunidade, difícil acesso a direitos básicos como saúde, educação, transporte e moradia.

Na saúde, por exemplo, a mortalidade materna das mulheres negras acontece, na maioria das vezes, pela grande dificuldade do acesso a esses serviços, além da falta de capacitação dos profissionais para atender a essas mulheres em específico.⁸ Mulheres pobres, e principalmente as negras, são as que mais estão em subempregos, recebendo salários mínimos, caso tenham carteira assinada, além das inúmeras mulheres em serviços da economia informal.⁹

Para darmos atenção a cada uma dessas especificidades, é necessário desagregar os dados de gênero, de classe e de raça, para que se tenha certeza de cada uma das coisas que acontece por consequência do gênero, da classe e da raça (CRENSHAW, 2004). Assim, consegue-se pensar ações que contemplem cada mulher negra e pobre enquanto indivíduo.

“Estrelas Além do Tempo” e a urgência de um debate sem meias verdades

O longa-metragem **Estrelas Além do Tempo**, roteiro adaptado, talvez seja um dos filmes mais importantes da temporada recente do Oscar, principalmente porque Hollywood devia ao movimento de mulheres negras um filme protagonizado por elas. Mas, ainda assim, é oportuno refletir sobre a representação de minorias no cinema, bem como novos passos que devem ser dados diante da luta por igualdade travada pelas mulheres do feminismo negro.

⁷ Fonte: Dossiê “A Situação dos Direitos Humanos das Mulheres Negras no Brasil – Violências e violações – 2017”

⁸ Idem.

⁹ Segundo o Retrato das desigualdades de gênero de raça, no Brasil acontece “o fenômeno da discriminação composta: são as mulheres pretas ou pardas as mais penalizadas, destacando-se a elevada concentração destas no emprego doméstico (22,4%) e trabalhadores sem remuneração (10,2%).”

Primeiramente, precisamos entender quem são essas mulheres. Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson são negras de classe média, formadas em universidades e as melhores nas suas respectivas áreas. Logo no início do filme vemos Katherine ainda criança, na sexta série do ensino fundamental, idade em que é mandada para “*West Virginia Collegiate Institute*”, a melhor escola para negros do Estado. Anos depois, em meio a uma das épocas mais sangrentas da história, essas mulheres tinham noção de feminismo, de ‘empoderamento’ e de luta por direitos civis. Apesar de o filme destacar a interseção entre as opressões—elas eram discriminadas principalmente por sua cor, mas também por serem mulheres –, ele deixa de pontuar mais um braço dessa interseção: a classe social. Ainda no início do filme, antes mesmo dos dois minutos, podemos entender brevemente que a família de Katherine em 1926 não tinha posses, tanto que a escola recolhe fundos para enviar Katherine à melhor escola do estado, como já dito aqui. Também é dito que essa era “a única escola, depois da oitava série, em qualquer lugar perto” dali. Depois disso, no decorrer dos demais 125 minutos do filme, a questão de classe não é colocada em debate novamente.

E embora o filme mostre claramente e em diversas situações como era exercida a segregação racial naquele tempo, não chega nem perto de falar dos assassinatos sistemáticos de negros por organizações racistas como a Klu Klux Klan e como os trabalhadores negros recebiam os piores salários e estavam nos piores empregos. No Brasil, ainda hoje os empregos mais precários ficam para os negros, e principalmente as mulheres negras. Isso porque, como pontua Tristan (2016), o capitalismo, sistema econômico construído em cima da exploração do sangue negro, precisa do racismo.

Precisa que uma imensa parcela da população mundial seja sistematicamente oprimida para que a exploração da burguesia sob o conjunto da classe trabalhadora, negra e branca, continue a existir. Precisa do racismo para obter lucros maiores sob a exploração da mão de obra negra. Precisa do racismo para jogar o salário do conjunto da classe trabalhadora para baixo. Precisa do racismo para dividir a classe trabalhadora e enfraquece-la, fazendo com que trabalhadores negros e brancos compitam entre si e não enxerguem o inimigo comum. Precisa do racismo para perpetuar um sistema de contínua reprodução da opressão racial em todos os poros da sociedade – porque assim o próprio sistema capitalista se fortalece e se reproduz. Por isso a ideia central do livro de Davis, que é relação entre a opressão de gênero e raça marcadas pela exploração de classe se mantém absolutamente atual. (TRISTAN, 2016)

Não seria possível dissociar racismo e classe, sendo que a maioria dos negros nos Estados Unidos naquele tempo era pobre. Os números não deixam de mostrar a desigualdade social entre brancos e negros. Em 1970, quando começaram a registrar e fazer pesquisas sobre raça e classe, a taxa de pobreza entre os negros nos EUA era de 33,6%. Em 2012, 42 anos depois, havia aumentado para 35%¹⁰. Não dá para falarmos da população negra sem falar de classe, ainda mais se falarmos do elo mais fraco dessa interseção: a mulher negra. No Brasil, a realidade é a mesma. Segundo o recente dossiê “A Situação dos Direitos Humanos das Mulheres Negras no Brasil— Violências e Violações”, “as mulheres negras representam o principal grupo em situação de pobreza. Somente 26.3% das mulheres negras viviam entre os não pobres, enquanto que 52.5% das mulheres brancas e 52.8% dos homens brancos estavam na mesma condição.”¹¹ Além disso, mulheres negras são maioria em áreas com menor saneamento básico, acesso a água encanada, coleta regular de lixo etc.¹²

Meritocracia é uma falácia

Seguindo em nossa análise, o filme é baseado na falácia da meritocracia. Em meio às muitas resenhas e críticas, um *site* com milhões de acessos diários terminou seu texto sobre o longa da seguinte forma:

“Estrelas Além do Tempo, porém, se destaca ao não apostar no vitimismo de suas protagonistas. Seria muito fácil, com uma história assim, ficar no sofrimento oriundo do preconceito. Ao invés disso, a trama mostra que cada derrota faz com que elas tenham mais vontade de lutar, mais vontade de serem aceitas, mais vontade de verem seu trabalho dar certo.” (OMELETE, 2017)

Consideramos perigosa tal perspectiva retratada no filme. O discurso que sugere: “elas estão ali porque merecem, lutaram, estudaram, puseram a família em segundo plano” não mostra a realidade dos fatos, principalmente dos negros na década de 1960. Representatividade importa, reconhecimento também, e é bom que o mundo saiba que para o lançamento em órbita do astronauta John Glenn foi fundamental o trabalho de uma negra. Mas esse discurso liberal falando para tantas mulheres negras através do cinema “sejam as melhores, estudem, trabalhem, se matem, mostrem seu valor que um dia vocês

¹⁰ Dados disponíveis em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/18/internacional/1397839789_689838.amp.html

¹¹ Fonte: Dossiê “A Situação dos Direitos Humanos das Mulheres Negras no Brasil – Violências e violações – 2017”

¹² Idem.

chegarão lá”, beira a crueldade. Meritocracia é descrita no dicionário como: “Governo baseado no mérito; As posições hierárquicas são conquistadas, em tese, com base no merecimento.” Dito isso, faz-se necessário discutir em que se baseia tal merecimento. Quem tem o mérito, quem escolhe o mérito e define quem “realmente” merece? Em 1962 quase 30 mulheres negras trabalhavam na NASA, e lá dentro sofreram muita discriminação, e reconhecemos que devam ser lembradas também por isso. Mas é necessário ressaltar que elas tiveram condições financeiras, familiares e educacionais para chegar até ali; isso não pode ser simplesmente esquecido.

Considerações finais

Enfatizo que deve ser dada a devida valorização a esse filme em tempos de intolerância, racismo e conservadorismo, principalmente numa nova era neo-liberal se vêm se estabilizando nas Américas.

É importante reforçar, mais uma vez, o quão necessário é realizarmos análises a partir do conceito da interseccionalidade. Ninguém é apenas uma coisa, principalmente as mulheres. Para seguir avançando nos direitos civis, é necessário que as pessoas sejam representadas por pessoas que entendem o que elas passam e não reduzam problemas estruturais, sociais e econômicos a meras lamentações. O movimento negro é um desafio, mas é fundamental para que tenhamos mudanças significativas no atual quadro de violações de direitos humanos das mulheres, considerando cada uma das suas especificidades, de suas interseções. Só encarando o problema de frente conseguiremos garantir uma vida digna para pessoas em situação de desigualdade social. Cito, mais uma vez, Davis, ao nos dizer que

se conforme disse Karl Marx, o “trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro”, também é verdade que, como Angelina Grimké tão lucidamente insistiu, as lutas democráticas da época – em especial o combate pela igualdade das mulheres – poderiam ter sido travadas de modo mais eficiente em associação com o combate pela libertação negra. (DAVIS, 1981, p. 78)

Este artigo é uma breve análise, um trabalho inicial dos estudos que ainda têm muito o que continuar, levando em consideração a importância do debate aqui levantado.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé W. “**A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.**” In: VV.AA. Cruzamento: Raça e gênero. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000076&pid=S2316-4018201400020001400004&Ing=pt>

DAVIS, Angela. “Classe e Raça no início da campanha pelos direitos das mulheres”. In: *Mulheres, Raça e Classe*. 1851. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo, Boitempo, 2016.

HOOKS, Bell. **Mulheres Negras: Moldando a teoria feminista**. In: *Feminist Theory: from margin to center*. 2000. Traduzido por: Roberto Cataldo Costa. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 16, ano 2015, p. 193 – 210.

RIBEIRO, Djamila. “Feminismo Negro para um novo marco civilizatório”, SUR 24. 2016. Disponível em: <<http://sur.conectas.org/feminismo-negro-para-um-novo-marco-civilizatorio/>>

TRISTAN, Jenifer. **Mulheres Negras, capitalismo e revolução**. *Esquerda Diário*. 2016. Disponível em: < <http://www.esquerdadiario.com.br/Mulheres-negras-capitalismo-e-Revolucao>>